A química da ignorância: O setor agroquímico e os *whistleblowers* científicos

BENEVENTO, Simone[1]; GIFFONI PINTO, Raquel[2]
[1] Universidade Federal Fluminense, simonebenevento@id.uff.br; [2] Universidade Federal Fluminense, raquelgiffoni@id.uff.br

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Contra os Agrotóxicos e Transgênicos

Resumo: Setores corporativos, como o agroquímico, atuam para limitar o potencial do conhecimento produzido por pesquisadores que denunciam (*whistleblowers*) os danos decorrentes das atividades e produtos deste setor. Utilizam diversas estratégias para descredibilizá-los e investem em pesquisas que lhes favoreçam. As estratégias são utilizadas para manipular a opinião pública sobre riscos de suas atividades e produtos, interferindo em tomadas de decisões e formulações de políticas públicas, corroborando com a produção social da ignorância, campo de estudo da agnotologia. Neste artigo vamos discutir as estratégias corporativas envolvendo o campo científico. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dois *whistleblowers*. A entrevista de uma *whistleblower* a "Agência Pública" também foi objeto de estudo. Analisamos, identificamos e categorizamos as estratégias corporativas utilizadas contra eles. Estratégias comuns foram usadas nos três casos analisados, como descredibilização das pesquisas.
Palavras-chave: agnotologia; agroquímicas; agrotóxicos; estratégias corporativas; *whistleblowers*.

Introdução

O agronegócio vem se reafirmando como a matriz ideológica e produtiva do país, ainda que forjado sob violações e violências diversas, apropriações de bens naturais, expropriações e envenenamentos de terras, águas e vidas humanas e não humanas. Ainda assim recebe fortes incentivos fiscais e é considerado um dos pilares da economia brasileira, tal fato revela o tamanho da influência deste setor nas tomadas de decisões, na formulação de políticas públicas, flexibilização de leis e regulamentações, ocorrendo assim, imbricações do setor público e privado, gerando favorecimentos aos seus interesses em detrimento das questões socioambientais (MITIDIERO JUNIOR; GOLDFARB, 2021). Este sistema produtor de commodities necessita de extensas áreas de terras, assim, o latifúndio monocultural adotado pelo agronegócio brasileiro é altamente dependente do uso de agrotóxicos e sementes transgênicas, e assim das corporações agroquímicas, havendo uma relação visceral entre estes atores, potencializando seus poderes de atuação (BOMBARDI, 2017).

Segundo Acserald (2014); Giffoni Pinto (2014) e Giffoni Pinto; Viegas (2022), determinados setores corporativos atuam para limitar o potencial do conhecimento

produzido na academia, seja através de mecanismos jurídicos e extrajurídicos para intimidar pesquisadores e impedir que pesquisas contrárias aos seus interesses avancem ou através de financiamento, direto e indireto, às pesquisas que lhes sejam favoráveis, empregando táticas semelhantes as utilizadas pela indústria do tabaco e combustíveis fósseis (ORESKES; CONWAY, 2011; ORESKES, 2019), como a manipulação científica com o intuito de evitar que políticas públicas baseadas em evidências científicas prejudiquem suas atividades. Também intimidam pesquisadores e cientistas que denunciam (*whistleblowers*) os danos decorrentes das atividades e produtos deste setor (FRIEDRICH, ALMEIDA, 2019). Por outro lado, investem alto na produção de conhecimentos alinhados aos seus interesses, financiando pesquisas e palestras enviesadas, criando forças tarefas para defender determinado agrotóxico que está para ser regulado, investindo em marketing robusto e massificante, além de desenvolverem programas educacionais voltados a formação técnica para o agronegócio junto às escolas (ALENTEJANO; EGGER, 2021). Este setor também atua junto aos órgãos reguladores no intuito de fragilizar os procedimentos de registro e avaliações toxicológicas (FRIEDRICH; ALMEIDA, 2019).

A tentativa de erodir consensos científicos sobre determinados impactos ambientais das atividades industriais deixam os cidadãos confusos sobre questões fundamentais relativas à sua saúde e segurança (ORESKES, CONWAY, 2011; ORESKES, 2019). “A indústria agroquímica utiliza táticas invasivas ao colocar seus lobistas para trabalharem, no sentido de que apagam qualquer achado científico que não serviria aos interesses deles” (SHIVA; SHROFF; LOCKHART, 2019). Estes mecanismos, segundo Robert Proctor (2008), constituem estratégias para produção intencional e deliberada da ignorância e da dúvida (agnogênese), criando incertezas na opinião pública e implicando em graves consequências para a democracia (PROCTOR; SCHIEBINGER, 2008; FERNÁNDEZ PINTO, 2017; KOURANY; CARRIER, 2020).

O historiador da ciência Robert Proctor e o linguista Iain Boal, em 1992, cunharam o neologismo agnotologia para denominar o estudo da produção social e política da ignorância (PROCTOR; SCHIEBINGER, 2008; FERNÁNDEZ PINTO, 2017). Para o autor, a ignorância é um constructo social e pode ser produzida através da manipulação de dados e fabricação de falsas controvérsias científicas, gerando confusões no debate público e bloqueando o acesso à informação, ou criando desinformações através de pseudociência para atender interesses políticos e econômicos. Esses mecanismos, ou “manobras estratégicas”, integram a construção ativa da ignorância (PROCTOR; SCHIEBINGER, 2008; KOURANY; CARRIER, 2020) que passa a ser usada como um instrumento político para favorecer determinados interesses econômicos, ideológicos e religiosos.

O setor agroquímico tem utilizado destas estratégias para que o sistema agroalimentar globalizado se mantenha hegemônico (MARQUES, 2021), falseando resultados e produzindo políticas de subjetivação pró agronegócio para obter apoio da sociedade e se vender como a única forma de alimentar a população

(MITIDIERO JUNIOR; GOLDFARB, 2021). Em contrapartida a esse sistema monocultural, produtor de commodities e violador dos Direito Humanos à alimentação e à nutrição adequadas (Dhana), a agroecologia vem oferecer caminhos possíveis de produção de alimentos saudáveis, livres de agrotóxicos, de transgênicos, monoculturas, opressões e violações, nos convidando “a repensar o metabolismo sociedade-natureza, como parte de um projeto societário” (GUHUR; DA SILVA, 2021).

Desta forma, os estudos agnotológicos constituem uma nova abordagem aliada das pautas agroecológicas, na qual, ao nos alertar que a ignorância é uma construção político-social, produzida e manipulada de forma intencional, nos ajuda a compreender as interações entre a ciência e a indústria. Nos permite um novo olhar sobre as consequências sociais dessa relação, uma vez que os mecanismos diretamente relacionados com a produção do conhecimento foram reformulados e reapropriados para fortalecer os interesses de alguns setores industriais como o agroquímico, resultando em manipulação dos resultados e na produção intencional da ignorância, interferindo nas tomadas de decisões e formulações de políticas públicas (FERNÁNDEZ PINTO, 2017).

Neste artigo, objetivou-se discutir as estratégias corporativas envolvendo o campo científico, que vão desde o financiamento de pesquisas próprias, que possuem o objetivo de contradizer as denúncias, negando evidências científicas sobre o potencial nocivo de seus processos e/ou produtos, até ameaças - de diferentes ordens - aos cientistas que através de seus trabalhos, denunciam os danos ambientais causados pelas operações industriais.

Metodologia

O presente estudo é uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório (GIL, 2002). Realizamos entrevistas semiestruturadas com 2 (dois) *whistleblowers* científicos que estudam agrotóxicos e transgênicos, são eles: *whistleblower* 1 (um), engenheiro agrônomo da Embrapa, e *whistleblower* 2 (dois), bióloga do Instituto Butantã. Também analisamos a entrevista concedida pela *whistleblower* 3 (três), a geógrafa da USP, ao Podcast Cientistas na Linha de Frente, da “Agência Pública”.

Analisamos as entrevistas buscando identificar as estratégias político-empresariais utilizadas pelo setor agroquímico, contra os *whistleblowers* científicos. Estas foram categorizadas segundo as classificações FRIEDRICH; ALMEIDA (2019).

Resultados e Discussão

Nos 3 (três) casos analisados estratégias similares foram adotadas após a comunicação dos resultados de suas pesquisas sobre agrotóxicos e sementes transgênicas. São 8 (oito) categorias de retaliação contra os *whistleblowers*

(Paralisação da carreira profissional; Eliminação de cargos e funções; Ataques e ameaças físicas; Exposição de falhas no trabalho; Isolamento; Ameaças; Desqualificação profissional e social do *whistleblower* e Conversão do foco da denúncia para o *whistleblower*) e 9 (nove) categorias para invisibilizar e inviabilizar as denúncias (Silenciamento dos trabalhadores; Prolongamento das investigações; Segregação das autoridades e de especialistas; Institucionalização do conflito de interesse; Fomento à cultura da desqualificação social e do ódio institucional contra os denunciantes; Fomento à ignorância; Impedimento do registro de informações; Eliminação de provas ou indícios associados à denúncia e Deturpação de denúncias). Essas estratégias se sobrepõem visando potencializar os seus objetivos.

Os 3 (três) *whistleblowers* estudados sofreram as 8 (oito) categorias de retaliação, sendo as ameaças físicas mais evidente no caso da *whistleblower* 3 (três) por ter havido arrombamento de sua residência fazendo com que está se exilasse na Bélgica, sem o apoio financeiro da sua instituição (USP). Entretanto ameaças psicológicas com produção de medo e depressão, que se enquadram em ameaças físicas foram observadas nos 3 (três) casos. A paralisação da carreira profissional, eliminação de cargos e funções, o isolamento, ameaças e desqualificação profissional e social do *whistleblower*, foram muito marcantes nos 3 (três) casos. No caso do *whistleblower* 1 (um) chama a atenção o fato dele ter sido demitido 2 (duas) vezes. A primeira por justa causa, acusado de desídia, insubordinação, indisciplina e mau procedimento, tendo recorrido e readmitido, posteriormente foi demitido sem justa causa. A *whistleblower* 2 (dois) sofreu 3 (três) processos administrativos com afastamento de 6 (seis) meses, perda do cargo de diretoria, foi isolada, os colegas do Instituto não falavam mais com ela e foi proibida de desenvolver pesquisas. As categorias para inviabilização e invisibilização foram utilizadas em associação com as outras estratégias nos 3 (três) casos estudados, sendo o fomento à cultura da desqualificação social e do ódio institucional contra os denunciantes, muito presente.

Essa violência se dá também em duas dimensões, na do indivíduo e da sociedade; na do indivíduo porque ele fica doente, ele é silenciado, é uma espécie de assédio refinado que não é um assédio por assediar ou por um momento específico, é um assédio combinado por diversas técnicas métodos e fins; e também da sociedade, porque ela vai ficar restrita a um conhecimento que não é verdadeiro, artificialmente construído. (...) A mão da empresa não aparece, ela fica extremamente escondida lá atrás, então se tu foi demitido de um canto, procura emprego no outro e dizem: ah não, tá chovendo hoje, tá meio amarelo o tempo, não vou te contratar, tu fica achando que a culpa é sua porque uma das técnicas utilizadas nesse processo de assédio e perseguição é fazer com que a pessoa que é vítima possa, ela mesma, entender que ela deu causa a essa violência, entendeu? (Trecho da entrevista com whistleblower 1).

Aí minha vida muda, minha vida passa a ser outra porque aí eu vi a mão pesada de uma transformação. (...) Eu costumo, depois do almoço, dar uma voltinha, parecia que tinha lepra porque as pessoas deviam pensar assim: não posso ser amiga de quem é inimigo do Rei. Então elas tinham medo de falar comigo, de se aproximar, de me dar um tchauzinho…eu sentia isso. (...) Eu sabia em off que o pessoal tinha dito: a gente tá proibido de falar com você. Era um cancelamento. Era um momento apagão. Eu acho que eles pensaram assim: vamos tirar ela de cena. (...) E eu fiquei pensando: como pode essa virada? Como eu tinha uma relação muito boa com eles, com a diretoria,

eu pensei: ele vai me chamar para conversar. Era o que eu esperava: um diálogo. (...) Eu não tinha ainda entendido e eu também não entendia o impacto do agrotóxico, o quanto isso era forte, era brutal, eu não tinha essa dimensão, nenhuma (Trecho da entrevista com whistleblower 2).

O agronegócio brasileiro lucra com isso tudo. Essas químicas matam pragas o que aumenta a produção que gera mais dinheiro no bolso dos grandes agricultores que dominam o mercado. Quem levanta dúvidas sobre o efeito que esses produtos têm na nossa saúde acaba sofrendo represálias. Tem vários pesquisadores da minha área que foram processados, que foram de alguma forma perseguidos, proibidos de falar e etc, isso no mundo todo. Isso é uma verdade no mundo dos cientistas que trazem uma novidade ou discutem algo que está relacionado ao interesse econômico muito grande e acabam sendo perseguidos (Trecho da entrevista com whistleblower 3 ao Podcast Cientistas na Linha de Frente da Agência Pública).

Conclusões

O setor agroquímico tem manipulado a produção do conhecimento com influência política e econômica, utilizando estratégias para perseguir, descredibilizar e silenciar os *whistleblowers* científicos que revelam os impactos negativos de seus produtos e atividades, produzindo ignorância de forma intencional (agnogênese), influenciando nas tomadas de decisões e nas formulações de políticas públicas. Os estudos agnotológicos contribuem para o debate agroecológico ao reforçar a necessidade de reformulação da produção do conhecimento alinhado a potencialização da promoção da vida e ao alertar sobre os riscos da produção conhecimento cooptado pelo setor agroquímico que visa o fortalecimento e manutenção do sistema agroalimentar globalizado. Possibilitando, assim, outros modos de produção e reprodução da vida, promovendo a soberania alimentar e a saúde coletiva.

Referências bibliográficas

ACSELRAD, Henri. A crítica do “ambiente” e o ambiente da crítica. **Antropolítica**, 36, 27-47, 2014.

ALENTEJANO, Paulo R.R, EGGER, Daniela. da S. Agronegócio. *In*: PESSOA DIAS, A. [*et al*.] **Dicionário de Agroecologia e Educação**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular: Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021. 97 - 104 p.

BOMBARDI, Larissa M. **Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia.** São Paulo: FFLCH - USP, 2017. 296 p.

FERNÁNDEZ PINTO, Manuela. To Know or Better Not to: Agnotology and the Social Construction of Ignorance in Commercially Driven Research. **Science & Technology Studies** 30 (2), 2017, p. 53 - 72

FRIEDRICH, Karen; ALMEIDA, Vicente. E. S. Ciência e Whistleblowing para a Defesa da Saúde e Ambiente: Novos Desafios para a Proteção dos Interesses Coletivos e Individuais Indisponíveis. In: Cláudia Fernanda Noriler Silva *et al* (Org.). **MEIO AMBIENTE DO TRABALHO EM FOCO.** 1 ed. Brasília: Escola Superior do Ministério Público da União, 2019, p. 367-392.

GIFFONI PINTO, Raquel. A Pesquisa Sobre Conflitos Ambientais e o Assédio Processual a Pesquisadores no Brasil. **Antropolítica**, 36, 49-82, 2014.

GIFFONI PINTO, Raquel; VIÉGAS, Rodrigo. N. Ameaças à Liberdade Acadêmica: Estratégias Empresariais no Neoextrativismo Liberal-Autoritário. In: ACSELRAD, H. **Autoritarismo e Neoextrativismo.** Rio de Janeiro: Garamond, 2022.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 4. ed., 2002. 176 p.

GUHUR, Dominique; DA SILVA, Nívia R. Agroecologia. *In*: PESSOA DIAS, A. [*et al*.] **Dicionário de Agroecologia e Educação**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular: Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021, p. 59 - 73.

KOURANY, Janet; CARRIER, Martin. **Science and the Production of Ignorance: When The Quest for Knowledge is Thwarted** Cambridge, MA: The MITPress, 2020. 328 p.

MARQUES, Luis F. **Capitalismo e Colapso Ambiental.** Campinas, SP: Ed. Unicamp, 3° ed, 2021, 736 p.

MITIDIERO JUNIOR, Marco A; GOLDFARB, Yamila. O Agro Não é Tech, O Agro Não é Pop e Muito Menos Tudo. **Friedrich-Ebert-Stiftung (FES) Brasil**, São Paulo, Set. 2021. Disponível em: https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/18319-20211027.pdf. Acesso em: 17 Jun. 2023.

ORESKES, Naomi; CONWAY, Erik. M. **The Merchants of Doubt: How a Handful of Scientists Obscured the Truth on Issues from Tobacco Smoke to Global Warming**. Nova York: Bloomsbury, 2011. 355 p.

ORESKES, Naomi. Testimony before the House Committee on Oversight and Reform, **Subcommittee on Civil Rights and Civil Liberties Examining the Oil Industry's Efforts to Suppress the Truth about Climate Change**. October 23, 2019.

PROCTOR, Robert. N.; SCHIEBINGER, Londa. **Agnotology: The Making and Unmaking of Ignorance.** Stanford University Press, California, 2008. 298 p.

SHIVA, Vandana; SHROFF, Ruchi; LOCKHART, Caroline. Ataque ao conhecimento, à ciência independente e à democracia: o cartel do veneno. *In*: Murilo Mendonça Oliveira de Souza (Org.). **Agrotóxicos e agroecologia: enfrentamentos científicos, jurídicos, políticos e socioambientais**. Anápolis: Ed. UEG, 2019. p. 21 – 36.